

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

8 Abril 2016
21:00 Sala Suggia

—
ANO RÚSSIA

Rossen Milanov *direcção musical*

Mr Switch *turntables*

Sérgio Pacheco *trompete*

Bruno Costa *percussão*

1ª PARTE

Mason Bates

The Rise of Exotic Computing (2013; c.12min.)

Gabriel Prokofiev

Concerto para trompete, percussão e turntables (2014; c.20min.)

1. *Moderato*
2. *Adagio*
3. *Andante marcato*

2ª PARTE

Sergei Prokofiev

Sinfonia n.º 4, em Dó maior, op. 112 (1929, rev.1947; c.34min.)

1. *Andante – Allegro eroico*
2. *Andante tranquillo*
3. *Moderato, quasi allegretto*
4. *Allegro risoluto*

Integral das Sinfonias de Prokofiev

Portrait Gabriel Prokofiev I



casa da música



Maestro Rossen Milanov
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/161619084>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco
RESCUE
RESCUE
RESCUE

REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

Mason Bates

FILADÉLFIA, 23 DE JANEIRO DE 1977

The Rise of Exotic Computing

Mason Bates é um premiado compositor norte-americano que tem conquistado as salas de concerto pela sua originalidade e propostas arrojadas que sugerem um encontro entre a electrónica e a orquestra. É actualmente um dos mais conceituados e interpretados compositores contemporâneos, e foi recentemente anunciado como artista residente no Kennedy Center for the Performing Arts.

Estudou Música e Literatura Inglesa na Julliard School, tendo depois concluído o doutoramento na Universidade da Califórnia (Berkeley), onde estudou com Edmund Campion. Este professor e compositor foi particularmente importante no seu percurso enformando a concepção das relações entre som e espaço, assim como na integração de instrumentos acústicos com tecnologia, em particular computadores, marcada também pela passagem no IRCAM. Desenvolveu também uma intensa actividade como DJ em Oakland, dominando os vários géneros e subgéneros da *dance music*, um mundo ao qual sempre se manteve ligado.

Considera que as possibilidades do digital na orquestra, quase como um novo naipe, podem ser inúmeras, permitindo paisagens sonoras verdadeiramente imaginativas. Para Mason Bates, a orquestra é um grande “sintetizador” a partir do qual é possível criar novos sons com instrumentos antigos. Como DJ procura incorporar algumas das mais importantes referências da denominada *dance music*, em particular do *techno* de Detroit,

entre outros. Na sua actividade como DJ utiliza o nome artístico DJ Masonic.

Destacam-se vários momentos importantes na sua carreira pautados por colaborações marcantes, como a abertura da temporada do Carnegie Hall em 2012, na qual Riccardo Muti dirigiu a Orquestra Sinfónica de Chicago com a obra *Alternative Energy*.

A sua produção musical como compositor inclui trabalhos sinfónicos, destacando-se *Mothership* (2011), encomendada para a Orquestra Sinfónica do Youtube e interpretada também pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música em 2011, ou os Concertos para violino (2012) e violoncelo (2014). As obras de câmara e vocais ocupam também um lugar no seu catálogo, assim como a música para cinema, procurando diversificar a sua actividade por vários géneros e estilos musicais.

The Rise of Exotic Computing é uma curta e intensa obra para sinfonietta e electrónica que foi encomendada e estreada pela Orquestra Sinfónica de Pittsburgh a 5 de Abril de 2013, no Mercury Soul, um evento híbrido onde electrónica e música erudita se encontram. A sua concepção parte de uma linha descendente que depois se espalha, explorando a ideia de *exotic computing*, ou *synthetic computing*, e que, nas palavras do próprio compositor, “permite ao código do computador crescer de um modo quase orgânico”, como se este tivesse as suas próprias ideias autónomas e independentes da intervenção humana.

O efeito de acumulação com referências a géneros da *dance music*, como por exemplo da cena *techno* de Detroit e do seu ícone Jeff Mills, são evidentes, tal como os motivos que vão de instrumento em instrumento no ensemble instrumental criando uma paisagem

sonora dinâmica e verdadeiramente orgânica. No entanto, segundo Bates, esta obra não apresenta um carácter tão lírico ou narrativo como outras, por ter nascido num ambiente mais relacionado com os clubes nocturnos, em que os elementos rítmicos do mundo do *techno* definem cada momento da obra. O seu clímax revela os “beats” de música *techno* com o empenho do ensemble a replicar este imaginário e a contribuir para uma leitura que se propõe inovadora e que revela este nascimento do *exotic computing*.

Gabriel Prokofiev

LONDRES, 25 DE AGOSTO DE 1975

Concerto para trompete, percussão e turntables

Gabriel Prokofiev é um compositor, produtor e DJ londrino que tem despertado muito interesse a diversos níveis, tanto musical como pessoal. Em rigor, na sua história de vida estes dois níveis cruzam-se e revelam a sua ascendência, sendo neto do compositor Sergei Prokofieff.

Durante vários anos estudou composição nas Universidades de Birmingham e York, onde se envolveu no universo da música electroacústica. Enveredou depois pela produção de *hip-hop*, *grime* e *electro*, com alguns trabalhos que alcançaram visibilidade nos anos 90, no Reino Unido. Neste contexto, produziu vários trabalhos que chegaram ao grande público, embora tenha preferido sempre assinar com outros nomes. Recorda que teve desde cedo um fascínio pelo papel que as “máquinas”, como refere, tinham na música, especialmente porque assistiu ao *boom* da música *techno*, dos sintetizadores e dos seus usos, e acompanhou

avidamente o desenvolvimento de bandas como os *Kraftwerk*.

No contexto da música electroacústica venceu um prémio de residência artística na International Electroacoustic Music Competition de Bourges e iniciou a sua carreira de composição em 2003 com dois quartetos para cordas compostos para o Quarteto Elysian. Foi também nesse ano que fundou a etiqueta fonográfica *Nonclassical*, uma editora com uma abordagem alternativa à música erudita, que também apresenta vários espectáculos em clubes nocturnos, assim como *remixes* de obras do repertório erudito, abrindo novos cenários e possibilidades à música do séc. XXI.

A sua produção musical é considerável, abrangendo desde música para bailado, várias obras orquestrais, música de câmara, música instrumental e vocal e música para cinema. Destacam-se, de entre outras, o seu Concerto para turntables e orquestra de 2006 (que será interpretado a 29 de Julho nesta mesma sala, juntamente com a estreia de um novo Concerto para turntables e orquestra encomendado pela Casa da Música), assim como a música para bailado *A Midsummer Night's Dream* (2011) e o Concerto para violoncelo n.º 1 (2013).

Em 2014 compôs o Concerto para trompete, percussão e turntables, encomendado e estreado pela Orchestre de Pau Pays de Béarn sob direcção de Fayçal Karoui e com a colaboração dos solistas Marie Bédât (trompete), Chantal Aguer (percussão) e Mr Switch (turntables). Numa entrevista que concedeu à BBC, o compositor refere que é um objectivo da sua música romper algumas das barreiras que existem em integrar instrumentos como o gira-discos (*turntable*) na música erudita, invocando, sem problemas nem complexos, todo o ambiente da *dance music* ao contexto orquestral.

Quando ouvimos este concerto, percebemos essas influências em Gabriel Prokofiev, começando pelo jogo de ritmos sincopados e bem marcados que, na sua concepção, procuraram também eles emular a precisão das máquinas. O compositor explica ainda que gosta de explorar a relação da máquina, ou seja do giradiscos, com os restantes instrumentos, fazendo muitas vezes referências ao pós-*techno*. As ideias surgem de modo criativo, sem grandes preocupações de gestão do material, procurando essencialmente essa ligação quase simbiótica ou orgânica entre os instrumentos solistas e a própria orquestra. O trompete e a percussão integram também eles elementos rítmicos do imaginário da *dance music*, em particular no modo como é concebida a estrutura rítmica.

A textura orquestral é gerada a fim de ecoar certas ideias musicais que o trio de solistas vai lançando, servindo, por vezes, de suporte a apontamentos mais precisos, numa obra que coloca a tónica nesse encontro entre tradição e inovação, trazendo à música erudita novas realidades de um contexto urbano e nocturno.

Sergei Prokofieff

SONTSOVKE (UCRÂNIA), 23 DE ABRIL DE 1891

NIKOLINA GORA (MOSCOVO), 5 DE MARÇO DE 1953

Sinfonia n.º 4, em Dó maior, op. 112

A Sinfonia n.º 4, uma obra do período americano de Prokofieff, foi composta em 1929, na sua primeira versão op. 47, numa encomenda realizada por Serge Koussevitzki para a Orquestra Sinfónica de Boston. Estreou em Novembro do ano seguinte sem grande sucesso, para surpresa do compositor que se manteria afastado durante alguns anos do género sinfónico. A pausa terminou na primeira metade dos anos 40 quando compôs as Sinfonias n.º 5 e n.º 6, partituras de maior envergadura e com uma concepção orquestral grandiosa. De certo modo, estes dois trabalhos lançaram Prokofieff na revisão da modesta Sinfonia n.º 4, procurando igualá-la à dimensão estética e estilística das duas sinfonias que acabara de compor.

O período dos anos 40 foi particularmente rico em episódios marcados pela interferência do sindicato dos compositores da União Soviética no afastamento de nomes que não alinhassem com a ideologia do regime. As perspectivas que se apartassem do realismo e fossem apelidadas de “formalistas” seriam rapidamente excluídas do panorama musical e artístico. Em diferentes níveis, os compositores foram afectados por essas directrizes, ainda que, no caso de Prokofieff, tenha sido apenas efectuado um aviso. Por vários motivos, o compositor considerou uma oportunidade de rever a sua Quarta Sinfonia, que de resto não tinha alcançado o êxito da Quinta, sendo tão elevado o número de alterações que optou por registá-la como uma nova obra.

A revisão definitiva da Sinfonia n.º 4, agora op. 112, foi concluída em 1947 e apresenta diferenças muito significativas quando comparada com a op. 47: não apenas numa perspectiva estilística, mas também na concepção formal, na textura orquestral e na própria identidade, sendo duas obras, de facto, separadas. No entanto, podemos encontrar pontos de contacto entre as duas, em particular o material musical que deriva de outra obra – *O Filho Pródigo*, música para ballet composta para a companhia *Ballets Russes* de Diaghilev, em 1928/29 – e várias secções internas comuns.

A Sinfonia n.º 4, op. 112 divide-se em quatro andamentos. O primeiro, um *Andante* – *Allegro eroico*, apresenta material novo quando comparado com a versão anterior, nomeadamente a introdução ou a secção do desenvolvimento, consideravelmente mais extensa do que a anterior. Segundo alguns especialistas na obra de Prokofieff, conseguimos ouvir neste andamento uma releitura do anterior, com um efectivo maior influenciando directamente as possibilidades de orquestração do compositor – que acrescenta alguns compassos aqui e ali, utiliza instrumentos como o clarinete em mi bemol, e elabora mais algumas ideias musicais. O andamento alterna entre paisagens sonoras mais tranquilas e outras intensas e fortes, com a exploração dos metais e percussão, terminando de forma triunfal.

No andamento lento observamos a utilização de linhas melódicas mais expressivas, começando na simbiose entre madeiras e cordas, procurando sempre alguma simplicidade na orquestração. De resto, uma parte do material deste andamento surgiu de uma secção do bailado supracitado, num *Andante tranquillo* introspectivo e por vezes sonhador.

O terceiro andamento, também ele com origem na música para o bailado, explora de

certo modo a sensualidade e graciosidade, pois inspira-se na dança da Bela Donzela que procura seduzir o filho pródigo. Este elemento é determinante na orquestração, em que os instrumentos parecem ganhar vida e ilustrar esta história.

O quarto andamento é, de todos, o que mais alterações sofreu, não só nas suas várias secções como na nova coda que foi criada para um final imponente, digno de uma grande sinfonia. A música apresenta um carácter desafiador, com motivos curtos e mudanças rápidas, espelhando mais uma vez um dos episódios do bailado em que se inspira: a ânsia do filho pródigo de escapar da sua casa e da sua família. A obra termina de forma intensa com a coda, fazendo uso do *tutti* para criar um efeito pujante em *crescendo*.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2016

Rossen Milanov *direcção musical*

Respeitado e admirado tanto pelo público como pelos músicos com quem trabalha, Rossen Milanov é o novo Director Musical da Orquestra Sinfónica de Columbus e completou recentemente a primeira temporada à frente da Sinfónica de Chautauqua com a aclamação da crítica. É também Director Musical da Sinfónica de Princeton e da Sinfónica do Principado das Astúrias. Em 2015, terminou o mandato de 15 anos à frente da reconhecida *Symphony in C* (Nova Jérsia).

Em 2015/16 dedica a temporada de concertos da Sinfónica de Princeton à criatividade feminina, apresentando obras de algumas das principais compositoras emergentes da actualidade, tais como Anna Clyne, Caroline Shaw e Sarah Kirkland Snyder. Em Columbus (Ohio), iniciou o seu mandato com mudanças e ideias criativas para a programação, de forma a conquistar novos públicos para a orquestra. Celebra o 25º aniversário da Sinfónica das Astúrias com 25 novas obras e estreias espanholas. Dirige uma nova produção do *Lago dos Cisnes* de Tchaikovski na Ópera de Zurique.

Os seus compromissos mais recentes incluíram concertos com as Sinfónicas do Colorado, Detroit, Milwaukee, Vancouver, Fort Worth, Aalborg e Nacional da Letónia; National Symphony Orchestra no Kennedy Center, Sinfónica de Toronto, Ópera de Zurique, Orquestra do Centro de Artes Performativas de Hyogo e o seu projecto educativo Link Up no Carnegie Hall com a Orchestra of St. Luke's. Apresentou-se com a Ópera de Oviedo, Orquestra Nacional Húngara, Filarmónica de Estrasburgo, New York City Ballet, Sinfónica do Pacífico e Sinfónica de Curtis (Verizon Hall em Filadélfia).

Rossen Milanov tem colaborado com alguns dos solistas mais respeitados internacionalmente, incluindo Yo-Yo Ma, Itzhak Perlman, Joshua Bell, Midori, Christian Tetzlaff e André Watts. Durante o mandato de 11 anos à frente da Orquestra de Filadélfia, dirigiu mais de 200 concertos enquanto Maestro Associado e Director Artístico da Residência de Verão no Centro para as Artes Performativas de Mann. Resultado da sua paixão pela música contemporânea, estreou inúmeras obras de compositores como Richard Danielpour, Nicolas Maw e Gabriel Prokofiev.

Rossen Milanov estudou direcção de orquestra no Curtis Institute of Music e na Juilliard School, com o apoio da Bruno Walter Memorial Scholarship.

Um apaixonado chef de cozinha, dedica frequentemente os seus dotes culinários a iniciativas de caridade.

Mr Switch *turntables*

Mr Switch (*aka* Anthony Culverwell) é um dos DJs mais talentosos e bem sucedidos do Reino Unido – reconhecido internacionalmente pela versatilidade, capacidade de animar a pista de dança e habilidade no *scratch*. Construindo a sua reputação no circuito mundial de DJs, ganhou o título de DMC World Champion em 2014, a competição de DJs mais longa do mundo. Recebeu o quarto título mundial, seguido da vitória na “Battle For World Supremacy” durante 3 anos consecutivos.

Sob o nome anterior de DJ Switch, Anthony tocou a solo o Concerto para turntables de Gabriel Prokofiev com a National Youth Orchestra em 2011, tornando-se no primeiro DJ da história a tocar nos Proms da BBC, o maior festival de música clássica do Reino Unido.

Destacam-se outros momentos marcantes na sua carreira como os DJ sets nos festivais de Glastonbury & Bestival; novas misturas para a Radio 1, 1Xtra, Kiss FM e BBC Asian Network, bem como colaborações em programas televisivos como BBC Breakfast e Blue Peter.

Mr Switch define-se a ele próprio através do espectro da versatilidade – tendo tocado um pouco por todo o mundo, é capaz de aceitar qualquer desafio. Seja a demonstrar as habilidades em concertos de hip hop ou de swing electrónico, ou ainda na mistura de vários estilos, Switch actua sempre com a mesma energia e prazer.

Sérgio Pacheco *trompete*

Sérgio Pacheco é Chefe de Naípe de Trompete da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Completou a sua formação na Artave – Escola Profissional Artística do Vale do Ave e, mais tarde, no Royal College of Music, em Londres.

Foi Primeiro Trompete Auxiliar da Orquestra Gulbenkian. Apresentou-se várias vezes com outras orquestras como a Orquestra de Jovens Gustav Mahler, Orquestra de Jovens da União Europeia, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Filarmónica da BBC e SEL – Solistes Européens Luxembourg. No âmbito da música contemporânea, colabora pontualmente com o Remix Ensemble, Orquestra Utopica, GMCL – Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e Sond’Ar-te Electric Ensemble.

Na qualidade de solista, apresentou-se várias vezes a solo com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra do Algarve, Sinfónica do Royal College of Music e Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Recebeu por duas vezes o 1º Prémio no Prémio Jovens Músicos/RTP e no Concurso de Trompete de Castelo de Paiva, nos níveis médio e superior. Recentemente ganhou o Concurso Internacional de Trompete Theo Charlier na Bélgica.

Paralelamente à actividade de músico de orquestra e solista, é professor de trompete na Escola Profissional de Música de Espinho – EPME. Juntamente com Nuno Simões, forma o duo.pt – percussão & trompete.

Bruno Costa *percussão*

Bruno Costa nasceu em Aveiro, em 1984, e iniciou os estudos musicais aos dez anos. Em 1999 entra na Escola Profissional de Música de Espinho, e é na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto que conclui a Licenciatura sob a orientação de Manuel Campos e Miquel Bernat, com classificação máxima. Participou em diversas master-classes orientadas por músicos e pedagogos como Angel Omar Frette, Benoit Cambreling, Denis Riedinger, Dirk Wucherpfennig, George Ellie Octors, Olivier Pelegri, Philippe Spiesser e Rainer Seegers.

Como músico convidado apresentou-se com a Orquestra do Algarve, Orquestra APROARTE, Filarmonia das Beiras, Orquestra Gulbenkian, Orquestra de Jovens da União Europeia, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble e Orquestra Sinfónica Portuguesa, entre outras.

Orientou diversos seminários de percussão em Portugal e Espanha. Leccionou na Academia de Música de Oliveira de Azeméis, na Academia de Música de Costa Cabral (Porto) e no Conservatório de Música de Fornos (Santa Maria da Feira). Presentemente lecciona percussão na Academia de Música de Castelo de Paiva e na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco (ESART).

Como membro do grupo de percussão Drumming, apresentou-se em diversas salas de espectáculo nacionais, Espanha e Brasil. É membro fundador dos projectos musicais Surreal com o trombonista Nuno Martins, e Clap com a clarinetista Cândida Oliveira. Actualmente é solista no naipe de percussão da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se junta em 2016 o nome de George Aperghis.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada

a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren*
José Pereira*
Radu Ungureanu
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Maria Kagan
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Emília Vanguelova
José Despujols
Alan Guimarães
Roumiana Badeva
Andras Burai
Ana Madalena Ribeiro*

Violino II

Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Paul Almond
Pedro Rocha
Vitor Teixeira
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Jorman Hernandez*

Viola

Aida-Carmen Soanea*
Joana Pereira
Anna Gonera
Mateusz Stasto
Jean Loup Lecomte
Rute Azevedo
Luís Norberto Silva
Francisco Moreira
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Gisela Neves
Michal Kiska
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Vanessa Pires*

Contrabaixo

Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Jean Marc Faucher
Nadia Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Roberto Henriques*
Luciano Cruz*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Pedro Silva

Trompa

Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Sousa*
Hugo Carneiro
André Maximino*

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Ricardo Pereira*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan

Piano

Luís Filipe Sá*

Electrónica

Paulo Oliveira

*instrumentistas convidados



casa da música

Após o concerto na Sala Suggia, não perca a primeira noite do **NOS Club SPECIAL EDITION**, no Bar Casa da Música. Com o bilhete do concerto fica automaticamente isento de consumo mínimo.

23:00 – 00:30

DJ Atari 666

00:30 – 01:00

DJ Prokofiev

(com Klara Rundel interpretando

Cello Multitracks de Gabriel Prokofiev)

01:00 – 02:00

Mr Switch

MECENAS PROGRAMAS DE SALA

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

mas
ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO

OSMAE

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

 **BPI**